CUIDADOS PALIATIVOS: UM CAMINHO DE POSSIBILIDADES

PALLIATIVE CARE: A PATH OF POSSIBILITIES.

Lícia Zanol Lorencini Stanzani

DOI - 10.5935/2236-5117.2020v57a08

*"Aprendam a viver e saberão como morrer,
Aprendam a morrer e saberão como viver."*
Morrie Schwartz¹

Os conhecimentos científicos na Medicina tiveram grande avanço no século XX, aumentando a expectativa de vida da população mundial. O progresso científico deu ao homem ilusão de controle sobre a morte, porém negligenciando o sofrimento imposto pela evolução crônica da doença. É na necessidade de assistência aos moribundos em agonia que surge o movimento dos Cuidados Paliativos na década de 60. A pioneira em estabelecer as bases para esses cuidados foi Cicely Saunders na Inglaterra, seguida por Elizabeth Kübler-Ross nos Estados Unidos.²

Em 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) definiu pela primeira vez os Cuidados Paliativos como assistência integral voltada aos portadores de câncer, com foco nos cuidados de final de vida. Como reflexo dos avanços dos Cuidados Paliativos, em 2002 essa definição foi revista, ampliando seu alcance. Desde então, além do câncer, os Cuidados Paliativos atendem todas as doenças que colocam a vida em risco, incluindo as doenças crônico-degenerativas, tais como doenças cardíacas, pulmonares, renais, neurológicas, congênitas, genéticas, AIDS e tuberculose. De acordo com a atual recomendação da OMS, publicada em 2017, o "Cuidado Paliativo é a abordagem que promove a qualidade de vida de pacientes e seus familiares, que enfrentam doenças que ameacem a continuidade da vida, por meio da prevenção e do alívio do sofrimento. Requer identificação precoce, avaliação e tratamento da dor, além de outros problemas de natureza física, psicológica, social e espiritual".³ Esta definição está de acordo com o modelo estabelecido por Cicely Saunders, no qual a base da assistência é o alívio do sofrimento humano, avaliando os inúmeros componentes responsáveis pelo seu surgimento.

De uma maneira geral, conectam-se os Cuidados Paliativos à assistência aos pacientes em fim de vida, quando não há mais indicações médicas de terapêuticas curativas. Na realidade, a abordagem paliativa oferece maiores benefícios quando iniciada precocemente no curso da doença, indicada muitas vezes a partir do diagnóstico.⁴ Os Cuidados Paliativos devem ser iniciados em concomitância ao tratamento adequado da doença

Lícia Zanol Lorencini Stanzani – Stanzani LZL. Mestranda em Cuidados Paliativos na Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal. Médica Pneumologista da Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal, Brasília, Distrito Federal, Brasil.

Correspondência: Lícia Zanol Lorencini Stanzani. Rua Francisco Metrass, 62 2E, Lisboa, Portugal. CEP: 1350-146.

Internet: liciastanzani@edu.ulisboa.pt

Conflito de interesses: Não há potenciais conflitos a declarar.

de base, em um modelo de cooperação, independente do tempo de evolução ou prognóstico da doença.

A abordagem dos Cuidados Paliativos desloca o foco da assistência da DOENÇA, estabelecida pela medicina moderna, para o DOENTE, buscando aliviar o sofrimento desde a origem. Esses pacientes manifestam sofrimento de diversos aspectos, além do sofrimento físico. A avaliação cuidadosa permite identificar sinais de sofrimento psicológico, familiar, social e espiritual, entre outros. Dessa forma, os Cuidados Paliativos são prestados por equipe multiprofissional, visando à assistência em todas as áreas necessárias. Profissionais de saúde que atuam em Cuidados Paliativos são especialistas em manejo de sintomas, em habilidades de comunicação e em decisões complexas nos diferentes níveis de cuidado. É uma combinação entre técnica, com embasamento científico, e arte da relação entre profissional de saúde, paciente e seus cuidadores.

O profissional dos Cuidados Paliativos trabalha com foco no detalhe ao avaliar a assistência que está sendo prestada. Isso permite enxergar melhor as necessidades do outro, seja ele o próprio paciente ou seus cuidadores, e atuar com suavidade e empatia. Não há espaço para imposição de condutas. As decisões tomadas ao longo do acompanhamento são compartilhadas, construídas a partir de avaliações clínicas, à luz do conhecimento técnico-científico, e de premissas bioéticas. O papel do profissional é, com base em seu conhecimento e sua experiência, ajudar o paciente a conduzir seu tempo de vida, capacitando-o para trilhar esse caminho, que é só dele, intransferível.

A aplicação prática da assistência paliativa se ajusta caso a caso. De acordo com as necessidades do paciente, pode-se, por exemplo, programar a ida a um evento familiar importante, com atividades de conservação de energia e reabilitação fisioterápica destinadas a isso. Pode-se intensificar a assistência psicológica antes e depois de uma visita com grande carga emocional. Pode-se preparar o ambiente hospitalar para a visita de um animal de estimação, ou preparar os cuidadores e o domicílio para que o paciente retorne à sua casa. Essas atividades são possibilitadas pela interação entre a equipe assistente, o paciente e seus cuidadores. Dessa forma, a assistência de Cuidados Paliativos diverge do conceito de que “já não há nada a fazer...” e torna-se um caminho amplo de possibilidades.

Os profissionais de saúde, principalmente os que se dedicam aos Cuidados Paliativos, escolheram abraçar a fragilidade humana, no contexto da finitude da vida. Utilizam-se a todo o momento da empatia, entendida como a ação de se colocar no lugar de outra pessoa, buscando agir ou pensar da forma como ela o faria nas mesmas circunstâncias. Apesar de ser uma característica humana comum a todos, ser empático nem sempre é fácil. Deve ser praticado e modulado, sem confundir a si mesmo com o outro. Ao aprendermos a cuidar do outro, também temos a oportunidade de aprender a cuidar melhor de nós mesmos, respeitando nossos limites e buscando alívio para as emoções. Experimentar a empatia ilumina nossa própria humanidade.

A morte é um fato inerente à vida. Os Cuidados Paliativos trouxeram à medicina moderna uma abordagem efetiva ao sofrimento humano, encarando a morte como a evolução inexorável da vida e não como uma derrota da equipe de saúde. Não se pretende adiantá-la, contudo também não se deve atrasá-la, em obediência a uma obstinação terapêutica injustificada. A esperança na vida permanece, pelo tempo que durar, associada ao bem-estar e à qualidade de vida do paciente.

A prática assistencial dos Cuidados Paliativos exercida com veracidade, confiança, afetividade e empatia, além de toda a habilidade técnica, torna suportável o enfrentamento da doença e da morte, tanto pelo paciente quanto por seus cuidadores. Os profissionais de saúde tornam-se guardiões da vontade e da autonomia do indivíduo, verdadeiros abrigos para os que estão sendo cuidados, fazendo com que sejam respeitados, e bons ouvintes para que encontrem alívio quando compartilham suas angústias e medos. Ao mudarmos nosso olhar para a assistência paliativa, damos à vida novo significado, repleta de possibilidades.

REFERÊNCIAS

1. Schwartz MS. Amar e Viver: Lições de um Mestre Inesquecível. 1ª ed. Cascais: Ed. Pergaminho; 2006.
2. Neto IG. Cuidados Paliativos: Princípios e Conceitos Fundamentais. In: Barbosa A, Pina PR, Tavares F, Neto IG. Manual de Cuidados Paliativos. 3ª ed. Lisboa: Secção Editorial da Associação de Estudantes da FMUL; 2016. p. 1-22.
3. World Health Organization. WHO Definition of Palliative Care [Internet]. Genebra: World Health Organization; 2020 [acesso em 10 Jan 2020]. Disponível em: www.who.int/cancer/palliative/definition/en.
4. Gómez-Batiste X, Connor S, Luyirika E, et al. The technical advisory group (TAG) supporting the WHO palliative care initiative. In: Gómez-Batiste X, Connor S. Building Integrated Palliative Care Programs and Services. 1ª ed. Barcelona: Liberdúplex; 2017.